

Transcrição da entrevista B- Coordenadora da Equipa de AI

Er- Muito bom dia Dra. X. Encontro-me aqui na qualidade de formanda do mestrado que estou a tirar na Escola Superior Paula Frassinetti e estou a desenvolver um trabalho, cujo tema é compreender o processo de avaliação do agrupamento e perspectivas de melhoria e, com vista a este trabalho, elaborei uma pergunta de partida que se prende com isto: Com vista à promoção da melhoria e das práticas no agrupamento em que medida é que o trabalho desenvolvido pela equipa da avaliação interna se tem revelado eficaz?

Gostaria muito, e desde já agradeço o ter-me permitido fazer esta entrevista e gostaria, antes de começar, de saber se me permite que ela seja totalmente gravada, sim?

Ea- Sim.

Er- Então, vamos então a uma série de perguntas e vamos começar pelas quais..., por esta. Gostaria de lhe dizer que me comprometo ao anonimato nesta entrevista, assim como em todas que farei aqui no agrupamento e que lhe darei conhecimento, por escrito, da transcrição de tudo que aqui for dito, dando-lhe a oportunidade de completar ou alterar alguma coisa que entenda que não lhe tenha saído da melhor forma nesta entrevista.

Ea- Muito bem.

Er- Esteja completamente à vontade para o fazer. Podemos então começar?

Ea- Com certeza!

Er- Qual é a sua perceção de avaliação de uma organização escolar?

Ea- A minha perceção é de que é muito, é muito complexa. É um processo difícil, de organização difícil, difícil estruturação e que é preciso muito empenho e bastantes conhecimentos para levar o trabalho para a frente.

Er- Na sua opinião que razões justificam a autoavaliação neste agrupamento?

Ea- Sim. Neste e nos outros. Eh, este tem características semelhantes, apesar da sua especificidade, mas a monitorização dos resultados, ... sempre, com vista à melhoria, eh, eh, o processo educativo, melhorá-lo, ou seja, só monitorizando, avaliando, é que podemos apresentar sugestões de melhoria.

Er- Mas veio a nível interno essa disposição ou, ou partiu de alguma legislação ou de algum interesse externo?

Ea- Eh! Eh! A legislação já existia e esta organização não partiu logo para a constituição da equipa, no entanto, em 2008 foi a diretora que sentiu essa, essa...

Er- Partiu da direção essa necessidade?

Ea- Essa necessidade. Portanto, confrontada com a necessidade legal, ela desenvolveu as iniciativas necessárias para formar a equipa.

Er- Em 2008 houve a primeira avaliação externa já com o vosso conhecimento?

Ea- A primeira avaliação externa foi em final de outubro, início de novembro, se a memória não me falha!

Er-Uhm! uhm!

Ea- E a equipa foi constituída em setembro.

Er- Portanto, no fundo, foi para estarem mais preparados para a avaliação externa?

Ea- Eh! Eh!

Er- Decorreu daí a necessidade?

Ea- Isso foi o que pensou a inspeção. Eh! E provavelmente poderá ter estado na cabeça da diretora, eu não sei.

Er- Não sabe. Muito bem. Então, já me disse que a equipa foi concebida em...

Ea- setembro de 2008/2009.

Er- Muito bem. E então os critérios também que estiveram na base da constituição dessa equipa de avaliação interna. Eh, foi isso que já me...

Ea- Conferir os trabalhos, os procedimentos legais, não é? Cumprir procedimentos legais e havia uma falha, não é? Não tínhamos uma equipa de autoavaliação.

Er- Pronto. Isso, conforme já me disse...

Ea- E a diretora...

Er - Que começaram a sentir necessidade no fundo em avaliar e saber o que se passava aqui dentro da escola.

Ea- Exatamente.

Er- Com outra consistência, com outra sistematização?

Ea- Com outra... organizar, sistematizar, monitorizar e a partir daí desenvolver estratégias de melhoria.

Er- Eh. Tem ideia dos critérios que estiveram na base da escolha do coordenador para a equipa de avaliação interna do agrupamento? Foi comentado consigo alguma coisa?

Ea- Tive sim. Eu penso que a diretora eh, eh, inicialmente, quis rodear-se de pessoas em quem confiava. Penso que foi isso que, nas quais confiava no seu trabalho.

Er- No trabalho?

Ea- No trabalho dessas pessoas.

Er- E as qualidades pessoais? Não foi falado consigo alguma coisa em relação às qualidades pessoais?

Ea- Eh! Comigo foi...

Er- A confiança é seguramente a principal, mas não só?!

Ea- Confiava no meu trabalho e achava o meu perfil adequado para, para...

Er- É preciso alguma resistência não é, para coordenar uma equipa destas?

Ea- Na altura eu não fui coordenadora, só fui um elemento da equipa. E realmente é preciso uma resistência psicológica grande. Na altura o coordenador era o meu colega, o professor X e eu era apenas um elemento da equipa. A equipa inicialmente tinha só três elementos.

Er- Só constituída por professores?

Ea- Só professores e logo após a avaliação externa, uma das críticas foi não termos representados todos os, os ...

Er- Os elementos da Comunidade?

Ea- Os elementos da Comunidade e aí foram logo introduzidos alunos, pais e auxiliares de educação educativa.

Er- Embora haja um núcleo duro que provavelmente

Ea- Sim

Er- São os que reúnem mais?

Ea- sim, com mais frequência, realizam o trabalho.

Er- Claro!

Ea- Os outros dão opiniões, sugestões, fazem críticas.

Er- E têm alguma reunião assim de equipa alargada?

Ea- Sim.

Er- Algumas?

Ea- Sim, sim. No ano passado até, eh, fez-se mais do que uma e este ano, porque estamos na formação do PAR, eh, não houve ainda oportunidade de fazer.

Er- Acabou de me responder à pergunta seguinte que eu tinha para lhe fazer da forma como foi acautelada a representatividade da comunidade educativa na constituição da equipa. Acabamos de conversar já. Podemos então passar à...

Assim sendo, no início do ano letivo costuma haver reestruturação dos elementos que integram a equipa da autoavaliação?

Ea- Sim, há um cuidado da direção em não mexer muito nesta equipa, porque é importante a continuidade. Porque o elemento que chega acaba por receber formação, formação externa ou formação dos seus colegas e da equipa. Ora, se esse colega sair no ano seguinte, há uma perda de tempo. No entanto, se o colega passar para outras funções, se um colega sair da escola, a equipa terá que ser reestruturada.

Er- Mas normalmente não é muito mexida, há sempre um núcleo que se mantém?

Ea- Exatamente!

Er- Tenta manter um núcleo duro.

Ea- Sim, a direção tem tido esse cuidado e eu, como coordenadora, também tenho pedido isso e...

Er- Tem sido atendida?

Ea- Tem sido atendido. No entanto, se o colega mudar de escola ou se o colega vai para outras funções e depois por questões de horários já não tenha horas que lhe permitam exercer as duas funções, então...

Er- Condicionantes de profissionalismo e não por vontade em não manter a equipa?

Ea- Exatamente!

Er- Como se organizam os elementos desta equipa para trabalhar?

Ea- Eh! Eh!

Er- Normalmente como é que vocês se organizam?

Ea- Eh! Eh! Eu sou coordenadora desde o ano letivo de 2012/2013 e nesse ano fazíamos uma reunião semanal, ou quase semanal e distribuíamos o trabalho, organizávamos, conversávamos. Definíamos linhas orientadoras e durante a semana cada um ia fazendo por cumprir a sua parte na execução do que tinha sido planeado. Em 2013/2014 funcionou um bocadinho diferente. Havia equipas, havia reuniões com a periodicidade, talvez mensal com a equipa do Observatório e a equipa sozinha não tinha horas para reunir semanalmente, não tinha tempo.

Er- Não lhes foi atribuído?

Ea- No horário e isso foi um constrangimento ao nosso trabalho.

Er- Têm sentido isso?

Ea- Sentimos que isso foi um constrangimento. É importante haver um tempo comum para organizar o trabalho e para os elementos da equipa se aperceberem do que está a ser feito e conseguirem envolver-se e motivar-se para esse trabalho.

ER- Muito bem. Que formação têm os elementos da equipa na área da avaliação e em competências tecnológicas?

Ea- Ora bem, ...

Er- Como sabe é muito importante, há muitos dados estatísticos, há muita coisa para fazer.

Ea- Tenho, tenho,... A equipa tem algumas lacunas a esse nível. No entanto, a sua motivação e o seu empenho acaba por colmatar essas lacunas. Tenho a coordenadora da biblioteca que consegue abranger e diversificar. Tem conhecimentos diversificados, não muito específicos, mas diversificados na área das tecnologias e depois...

Er- Têm algum colaborador?

Ea- Eh! Eh! Quase só eu na área mais, mais específica de utilização de Excel ou de, de...

Er- É preciso compilar os dados da avaliação, dos resultados. E isso, Dra X, cabe esse trabalho a...

Ea- Esse trabalho está muito centrado em mim e que deveria estar mais...

Er- No seu entender, deveria ter outro apoio?

Ea- Sim, se bem que dentro da equipa..., mas eu devia ter um colega também com formação.

Er- Já solicitou isso à direção?

Ea- Já solicitei, mas o colega que estava preparado para isso mudou de escola entretanto.

Er- Constrangimentos, não é? Aos quais não podemos fugir.

Ea- Sim, é. Veio um colega que realmente sabe algumas coisas de Excel, mas que ainda esteve em aprendizagem relativamente ao nosso trabalho, mas que para o ano certamente vai colaborar mais oportunamente.

Er- Dra X, em relação aos recursos humanos, materiais e financeiros que estão alocados à equipa da avaliação interna, são os suficientes no seu entender?

Ea- relativamente aos docentes, tenho necessidade de alguém com conhecimentos informáticos mais, mais,...

Er- Aprofundados?

Ea- Aprofundados, mais específicos, sim. Relativamente à parte financeira não temos alocada nenhuma.

Er- Nenhuma verba especial?

Ea- No entanto, nunca nos foi negado qualquer fotocópia, impressão. Eh! Eh! Pedido de ...

Er- Não têm, mas quando precisam também não é, não tem sido negado?

Ea- Nunca, nunca, nada nos foi negado. Nunca houve constrangimentos desse tipo. Fizemos a formação para o projeto PAR e a escola pagou, assim como todas as deslocações. Portanto. Não há qualquer problema.

Er- E a nível material, tem algum local, têm computadores disponíveis, têm uma sala, têm algum local?

Ea- Não temos sala específica, não temos sala, embora tenhamos aqui na escola uma sala de trabalho de professores. No entanto, a confidencialidade que envolve este tipo de trabalho faz-nos necessitar de um espaço e temos usado o espaço da biblioteca que, como a coordenadora é um membro da equipa...

Er- E tem lá um espaço que costuma aproveitar?

Ea- E temos esse espaço que costumamos aproveitar sem haver confronto, ou seja, há boa recetividade por parte da equipa da biblioteca.

Er- Têm conseguido torneir esse constrangimento?

Ea- Não é o espaço que tem sido constrangimento. Portanto, não considero que a falta de espaço seja um constrangimento.

Er- Mas reconhece que deveria ter?

Ea- Se tivéssemos....

Er- Outras condições?

Ea- Se tivéssemos...

Er- Se calhar era o ideal?

Ea- mas não tem sido um constrangimento ao nosso trabalho.

Er- Não, ainda bem!

Er- Qual é a sua perceção quanto à autonomia da ação por parte da equipa? Reconhece que tem autonomia?

Ea- Eh! A equipa tem autonomia.

Er- Tem acesso livre a toda a informação?

Ea- Nunca. Temos acesso livre a toda a informação. Se pedirmos uma ata é-nos dada, basta explicar para que é, qual é o objetivo da consulta. Se pedirmos os dados dos exames. Até ao ano passado eu era coordenadora do secretariado e tinha acesso aos dados. Eu agora não sou e tive de pedir os dados e logo me foram facultados.

Er- Portanto, há toda...

Ea- Não tem havido...

Er- Não tem havido problema nenhum?

Ea- A direção tem sido, quer a direção quer os serviços administrativos, tudo o que esta equipa pede tem-nos sido facultado, nomeadamente o acesso a pautas, acesso a atas, acesso a informação da base de dados, é tudo dado.

Er- A equipa toca um bocadinho com tudo, inclusivamente avaliação docente e têm tido necessidade de consultar alguma coisa?

Ea- Da avaliação de docentes não temos tido, eh, eh, não temos tocado. É um dos pontos em que não temos ainda tocado. Considero que o nosso trabalho ainda não está num ponto tal que possamos já passar a essa fase. Estamos ainda na fase de prestação do serviço educativo, nas estratégias de apoio aos alunos, como interpretar os resultados, porque não conseguimos melhores resultados, compreender a nossa escola, o que queremos e onde queremos chegar.

Er- Muito bem. Qual é o papel dos diferentes órgãos, no seu entender, da administração e gestão na autoavaliação, nomeadamente do Conselho Pedagógico, Conselho Geral,...

Ea- Eh, o papel deles junto da equipa da avaliação interna ou o papel deles na escola?

Er- O papel deles em relação à avaliação interna.

Ea- O Conselho Pedagógico...

Er- Como é que eles vêm o vosso trabalho?

Ea- Vêm com muito respeito o nosso trabalho, com muito interesse. Eles, eh, eh, refletem as tabelas, os quadros que apresentamos, as reflexões que queremos promover. Eles têm colaborado e tentam depois transmitir em departamento as nossas reflexões, as nossas análises e trazer-nos a, ou seja, o que é que os professores, os docentes dentro do departamento vão fazer para colmatar esses constrangimentos que foram detetados pela equipa. Relativamente ao Conselho Geral é depois a presidente do Conselho Pedagógico que transmite ao Conselho Geral. Eu pelo menos preparo as coisas para ela levar e penso que...

Er- A dra X não vai ao Conselho Geral?

Ea- Eu não vou ao Conselho Geral.

Er- Não tem intervenção direta no Conselho Geral?

Ea- Não, não vou ao Conselho Geral.

Er- Mas por opção ou porque foi assim que estipularam?

Ea- Foi assim que estipularam, eu não tenho presente.

Er- Foi o Conselho Pedagógico?

Ea- Não estipulamos, não conversamos sobre isso, sobre a minha representatividade no Conselho Geral.

Er- E o Conselho Geral da sua parte nunca a solicitou para ir lá prestar esclarecimentos?

Ea- Recentemente, a presidente do CG tem-me pedido alguns esclarecimentos e eu, naturalmente, que lhos faculto.

Er- Eh, diga-me uma coisa. Tem algum elemento? Já percebi que não tem nenhum elemento do Conselho Diretivo, da Direção, na vossa equipa.

Ea- Sim, não tem.

Er- Foi por alguma opção? Sei que o professor X, segundo conversamos à bocadinha... porque é que optaram por não ter nenhum elemento?

Ea- O professor X, foi para ir um bocadinha ao encontro da inspeção que aconteceu aqui na escola em 2008 e posteriormente em 2010. O professor X era um elemento da direção, estava, portanto, ligado à direção e era coordenador desta equipa. Entretanto, os inspetores na altura comentaram que poderia não ser correto ele estar na equipa e que poderia não ter a...

Er- Maior autonomia?

Ea- Autonomia e a isenção necessária.

Er- Isenção necessária, entenderam assim?

Ea- Exatamente e nesse sentido ele teve de sair ou a diretora achou por bem retirá-lo.

Er- Havia também um elemento que agora se encontra no CG que também saiu, penso que pelas mesmas razões.

Ea- Pelas mesmas razões, exatamente. Era um elemento que era muito útil na equipa e ...

Er- É a atual presidente?

Ea- É e pelas mesmas razões entenderam que devido à isenção, para não haver conflito de interesses.

Er- Muito bem.

Ea- E então, por essa razão mais um elemento saiu.

Er- Já fomos falando também no papel das estruturas de orientação educativa na autoavaliação do agrupamento, nomeadamente os departamentos, não é? Um incentivo à tomada de decisões, parte da responsabilização,... e a educação especial também tem um, falamos nos departamentos, no geral, inclui-se também a educação especial?

Ea- Sim.

Er- Tem sentido também, pelo que percebo, que todos têm assento no Conselho Pedagógico, certo?

Ea- Certo. A educação Especial...

Er- A Dra. Também tem assento no Pedagógico, como representante da Avaliação Interna e também têm um elemento da Educação Especial?

Ea- Sim. Temos em elemento em CP da Educação Especial, embora a Educação Especial esteja no departamento de Expressões, mas, mesmo assim, têm representação em Pedagógico. Eu também tenho representação em Pedagógico, o que facilita em momentos de decisão. Posso alertar para alguma decisão, pode não estar em conformidade com os dados e os resultados que temos obtido na avaliação interna. Portanto, estou ali sempre a tentar que seja valorizado e que o trabalho da Avaliação Interna seja utilizado como um suporte à tomada de decisão. No caso da educação Especial, há lá uma representante. O departamento da Educação Especial recebe as informações no seu departamento.

Er. Pronto. Estávamos a falar exatamente na pergunta seguinte. Vamos apenas ver se teremos de completar mais alguma coisa. Eu pedia que me especificasse o tipo de articulação que existe entre órgãos de forma a valorizar a complementaridade decorrente da natureza das funções e responsabilidades de cada um deles. Se bem entendi já me disse que desce ao departamento o vosso trabalho. O Plano de Melhoria vai ao departamento, aí é analisado e sobre outra vez à equipa de Avaliação Interna. Os pareceres, algumas...

Ea- Sim, sim.

Er- Considerações que as pessoas tenham. É nessa base, nessa articulação que trabalha com todos os órgãos da escola?

Ea- Precisamente, precisamente. Portanto, fazemos a equipa juntamente com a equipa do Observatório, faz, reflete,...

Er- Com o amigo crítico?

Ea- Sim, com o amigo crítico. Reflete e produz documentos que não estão acabados, nomeadamente, o Plano de Melhoria e esse Plano de Melhoria ou outros documentos vão a Pedagógico, vão depois ser divulgados em departamento. Os professores têm oportunidade de dar sugestões de alterações, depois novamente a equipa reúne.

Er- E tem em atenção isso?

Ea- Depende. Vê se deve ou não integrar essas propostas e depois vai novamente a Pedagógico.

Er- Muito bem. Perante problemas persistentes que acontecem, de que forma é que procuram novos caminhos e novas soluções? Com certeza, há alturas em que encontram problemas que não são tão fáceis de resolver.

Ea- Há problemas que não são fáceis de resolver, nomeadamente, numa escola cujos alunos são muitas vezes alunos com problemas familiares. Alunos que não valorizam a escola. Temos muitos alunos desses. Portanto, não estão motivados para o que a escola lhes pode dar no momento. Então, nós aqui na escola tentamos desenvolver estratégias para cativar esses alunos. No entanto, temos um problema, pois a nível externo, que temos vindo a combater, que é a discrepância que existe entre os resultados internos e externos, que é um dos nossos constrangimentos.

Er- A nível interno, desculpe puxar um bocadinho aqui ainda outra questão e voltarmos um bocadinho atrás. Tem a perceção de que há aqui grande abertura à inovação, nomeadamente a projetos para tentar cativar, tentar motivar os alunos? Aqui há grande abertura a projetos e a parcerias, não há?

Ea- Sim, sim.

Er- É a minha perceção.

Ea- Os professores desta escola aderem com muita facilidade a projetos. Posso exemplificar com o “Litteratus”, “O Interrogar a Ciência” que foi um projeto que mobilizou toda a escola no ano letivo,... há dois anos letivos.

Er- Também integrei esse projeto, foi mesmo uma formação muito alargada a todos os professores.

Ea- Precisamente. Colocar os alunos a ler e a colocar os alunos a ler artigos científicos. Portanto, os professores aqui aderem bastante a projetos e tentam motivar os alunos.

Er- Muito bem. Os relatórios finais da Avaliação Interna e os Planos de Implementação de Melhoria são efetuados por que órgão? Já percebi que...

Ea- Pela equipa da Avaliação Interna.

Er- Por vezes não são e são outros elementos, mas aqui percebi que são vocês.

Ea- Sim, aqui são avaliados pela equipa de Avaliação Interna e depois a Diretora elabora o relatório baseado no relatório da Avaliação Interna. Portanto, há aqui uma articulação real, até ao momento!

Er- Quem e quando define os princípios norteadores e prazos para a definição do âmbito e missão da Avaliação Interna do Agrupamento? A equipa da Avaliação Interna? A Direção? Quem tem essa primeira...

Ea- Temos essa vantagem. É a equipa que tem essa autonomia. Apresenta, depois a Pedagógico e, salvo raras exceções, é respeitada a calendarização apresentada.

Er- É? E partem do relatório da IGE, por sugestões que venham da direção ou é mesmo um trabalho que é sentido e pensado só por vocês, independentemente de outros?

Ea- A Direção não nos dá esse tipo de orientação. Não nos tenta condicionar. O relatório da IGEC, sim, partimos dele. Temos de partir dele para melhorar, para ultrapassar os pontos fracos e fazer com que os fortes se mantenham. Portanto, é um documento orientador e depois a reflexão que fazemos em departamento e a nossa perceção da equipa, não é? Que também é importante!

Er- É. E o Projeto educativo, de que forma é que se encaixa como ponto de partida para esse trabalho?

O nosso Plano de Melhoria, ele é pensado tendo em conta os objetivos do nosso PE. Isto é, o nosso grau de cumprimento do Plano de Melhoria, se ele for bem executado, se for bem conseguido, isto implica também que o nosso PE atingiu os objetivos que pretendia. Portanto, eles estão relacionados e o PE é sem dúvida o documento base, o pilar das nossas políticas educativas.

Er- Optaram por algum modelo de autoavaliação específico?

Ea- Não. Há aí vários modelos, há várias formas de trabalhar. Nós produzimos um modelo próprio, sempre acompanhados pelo Observatório. Portanto, ...

Er- Se percebi, o Observatório está ligado à ...

Ea- À Universidade Lusíada do Porto. Portanto, seguimos neste momento...

Er- Neste momento estão também ligados ao PAR?

Ea- Portanto, até 2013/2014 nós seguimos o Observatório de Melhoria e Eficácia da Escola. Tentamos orientar o nosso trabalho sempre tendo em conta esse Observatório. A partir de 2013/2014 integramos o projeto PAR que tem uma metodologia muito própria e rígida.

ER- Tem?

Ea- Tem. No entanto, nós estamos a tentar diluir as duas e ter...

Er- Encontrar o vosso caminho?

Ea.- Sim, encontrar o nosso próprio caminho. Encontrar sem grandes problemas. Tentar diluir as diferenças.

ER- E dão-vos essa flexibilidade? O projeto permite isso?

Ea- O protocolo que temos com o PAR tem algumas ações, nomeadamente a construção de quadros referenciais que não nos dão muita flexibilidade. No entanto, não nos impedem de desenvolver outro trabalho para além desse.

ER- O trabalho internamente poderá sempre... Percebo ou poderei depreender das suas palavras, e diga-me se estou errada, se é possível encontrar o vosso caminho?

Ea- Sim.

Er- E que o entende como sendo o único possível, uma vez que o trabalho da Avaliação Interna tem que estar muito ligado ao contexto educativo onde se insere?

Ea- Exatamente!

Er- Foi isso que depreendi das suas palavras.

Ea- exatamente!

Er- Tentam adaptar ao contexto em que se inserem nessa medida?

Ea- Exatamente!

Er- Não fugindo dos normativos, nem da..

Ea- Precisamente.

Er Nem de como se deverá trabalhar, não é?

Ea- Sim.

Er- A nível científico. Vejo que, desde o início, têm procurado apoio científico.

Ea- Sim.

Er- É uma mais-valia, não é? Entendo que o seu trabalho começa...

Ea- É sempre uma mais-valia, não é?

Er- É um trabalho muito mais sustentado.

Ea- Até porque um trabalho tão complexo como este, no início, que mexe com estruturas organizativas, mexe com a gestão, mexe com os docentes, tem que ser um trabalho muito refletido e com formação, não é?

Er- Muito bem. Com que periodicidade entende que deve proceder-se à recolha, tratamento e divulgação da informação obtida? Quais são os canais internos e externos que têm para divulgar todo este trabalho da Avaliação Interna?

Ea- Talvez uma vez por período, trimestral, porque, caso contrário, não há tempo para organizar documentos. Penso que será e os canais, Conselho Pedagógico, Departamentos e, claro que se divulga junto do Conselho Geral.

Er- E à Comunidade, aos professores? À Comunidade como tem sido divulgado o trabalho da Avaliação Interna?

Ea- Temos uma *Newsletter* mensal e nessa *Newsletter* vamos dando conta do nosso trabalho da equipa da Avaliação Interna e de outros acontecimentos importantes que ocorram no Agrupamento.

Er- No início do ano costumam fazer alguma reunião geral, para integrar os professores que chegam à escola, para terem conhecimento? Na reunião geral é abordado o que se está a passar, o que esta equipa faz?

EA- Sim, sim. Aqui há uns anos dessa reunião geral, o coordenador da equipa, na altura o professor X, falou, apresentou o Plano de Melhoria, nessa reunião geral e não se, não teve grande impacto depois a nível do conhecimento por parte dos docentes do Plano de Melhoria. Então, agora fazemos diferente. A diretora apresenta as equipas, nomeadamente a equipa da Avaliação Interna nessa reunião geral e, posteriormente, numa primeira reunião de departamento é tratado esse assunto.

Er- Em departamento?

Ea- Portanto, em situação em que os professores estão mais direcionados para o trabalho.

Er- E no final Dra X, há alguma reunião geral em que se apresentem os resultados para as pessoas terem, em conjunto, uma noção do que se atingiu? Do que se percebeu? Do que se concluiu? Que relatórios foram feitos, as pessoas conseguem ter essa perceção?

Ea- Eu penso que a ideia é que tenham, não sei se terão, porque como o relatório de Avaliação Interna é o último documento a ser organizado, porque os resultados surgem muito na parte final. Esse documento vai ao Conselho pedagógico e no ano anterior não houve reunião de departamento, depois do Conselho Pedagógico. Portanto, perdeu-se ali alguma informação das conclusões finais. No entanto, a diretora na reunião final, geral, apresentou resultados já desse relatório que já estava em execução, mas que ainda não estava concluído. Vamos ver se este ano já conseguimos ainda, na última reunião de departamento, apresentar já o relatório concluído.

Er- Pronto. Já fomos falando como é que está a ser concretizada a avaliação no agrupamento. Já percebi que tiveram como referente a lei 31/2002. Já falámos na concretização do PE. Já fui falando também na preparação e na concretização ao nível do ensino das aprendizagens, das atividades que são aqui desenvolvidas, com o intuito de resolver problemas. Têm feito o vosso trabalho em analogia com outras escolas? Por comparação com os resultados obtidos em relação aos anos anteriores? Como se têm organizado?

Ea- Claro que não estamos fechados ao que se passa ao nosso lado, nem à partilha de experiências, mas, no entanto, nós desenvolvemos o nosso caminho que é muito particular. Vimos o que queremos e onde queremos chegar. Fomos desenvolvendo assim o nosso caminho e o nosso projeto. Claro que agora com a partilha de experiências que fazemos no Observatório, vamos vendo o que as outras escolas fazem e vamos também cedendo documentos para outras escolas. Vamos melhorando assim e com o PAR também houve partilha de experiências e vimos, pudemos ver que realmente o nosso caminho faz sentido e, sem dúvida, é sempre importante melhorar.

Er- Fomos também falando ao longo desta conversa que, já percebi que têm feito inquéritos, análise documental, não é?

Ea- Sim, sim.

Er- Já me falou dos problemas que têm tido, pelo que, provavelmente, têm feito análise SWOT?

Ea- Sim, sim. Temos pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e constrangimentos.

Er- Observação direta também já percebi que tem sido feita. Tem sido recolhida informação por parte dos departamentos e há alguma situação, suscitaram dúvidas e, para além dos inquéritos, já tiveram de fazer entrevistas a algum grupo especial de sujeitos intervenientes na avaliação?

Ea- Ainda não tivemos de o fazer. O que não quer dizer que não façamos daqui para a frente, mas ainda não o fizemos. Não tivemos necessidade de passar a entrevistas.

Er- Então, relativamente às fontes de informação utilizadas temos já vindo a falar. Tem sido feita a triangulação de dados, não é? Feitos inquéritos, análise documental,...

Ea- Sim, essencialmente é isso. Atas, análise documental, inquéritos e análise de resultados.

Er- Muito bem. De que forma é que a Comunidade Educativa está envolvida no processo de autoavaliação do agrupamento e na procura de soluções para os problemas?

Er- Na própria equipa, uma vez que tem lá elementos.

Ea- Sim, sim. Estamos muito envolvidos e tentamos a articulação com todos os órgãos e tem representatividade de todos os órgãos da Comunidade Educativa, por exemplo, no Conselho Geral. Portanto, considero... e a associação de pais, aliás,..

Er- Algum dia tiveram alguma reunião com eles?

Ea- Sim, várias. Nós temos elementos da associação de pais na nossa equipa e recebemos sugestões, apresentamos os nossos documentos, o Plano de Melhoria, pedimos sugestões e eles têm, aliás, tido muito, Têm gostado do nosso trabalho.

Er- A nível dos diretores de turma também têm representatividade no Conselho Pedagógico. Portanto, também essa área abrangida. Atendendo aos órgãos que estão no Conselho Geral, também têm a Câmara/Autarquia, aqui também se cobre todos os elementos da Comunidade Educativa.

Ea- Sim, sim. A Autarquia está no Conselho Geral e, portanto, estará ao corrente do trabalho.

Er- Entretanto, outra pergunta que também temos vindo a conversar. Que entidades parceiras existem para apoiar o processo de autoavaliação? Já percebi que têm um amigo crítico.

Ea- Temos o Observatório de Melhoria e Eficácia da Escola e temos o PAR com dois amigos críticos.

Er- Amigos críticos não nos faltam neste processo de autoavaliação. Esses amigos críticos têm tido a liberdade de participar no processo? Têm sido bastante participativos? Orientam-vos e deixam-vos trabalhar?

Ea- Orientam-nos. No caso do Observatório, o nome que lhe dão não é amigo crítico, embora seja essa função, é um colaborador que vem aqui para nos formar, dá-nos a formação e orienta-nos. No caso do PAR chama-se mesmo “Amigo Crítico” e são dois. No caso do PAR, o trabalho está ainda a iniciar. Portanto, já desenvolvemos o nosso projeto, elaboramos o nosso projeto e agora já construímos um referencial para avaliar a sala de estudo e elaboramos já um questionário que ainda não aplicamos. Tudo que elaboramos temos que enviar às nossas amigas críticas que procedem à análise e nos enviam sugestões de alterações...

Er- É dessa forma que funcionam?

Ea- É dessa forma que funcionamos.

Er- Qual é a sua opinião quanto à forma como está a decorrer a autoavaliação no agrupamento? Há fatores internos ou externos facilitadores ou bloqueadores? Tem sentido alguma coisa em especial?

Ea- Eu penso que há fatores aqui na escola facilitadores, quer a direção, quer o Conselho Geral têm sido órgãos, o Conselho Pedagógico, têm sido órgãos facilitadores de todo o processo. Daí, eu achar que estamos no bom caminho. Temos alguns fatores bloqueadores, nomeadamente, às vezes, os documentos vão a departamento e não há sugestões para melhorar os aspetos mais frágeis do agrupamento. Portanto, nota-se que, às vezes não há empenho ou motivação dos docentes ou que acreditam pouco neste processo de avaliação. Às vezes sinto isso. É uma opinião muito pessoal.

Er- Também já falamos. E a nível externo?

Ea- A nível externo. Sinto que a nível externo, está a referir-se à inspeção, por exemplo, à IGEC? A nível externo eles dão muita importância à equipa de autoavaliação de qualquer organização escolar e são muito exigentes para conosco. Portanto, o que eles pedem é para que sejamos o motor de uma escola.

Er- Têm sentido isso?

Ea- temos sentido isso.

Er- De que forma e quando é que os resultados são divulgados à Comunidade? Também já temos vindo a falar nisso, em reuniões de Conselho Pedagógico, sobe ao Conselho Geral, vai para o lado para os departamentos, desce aos professores e em reunião geral, no início do ano, e em reunião geral do final de ano...

Ea- Sim.

Er- Os canais de comunicação nomeadamente a *Newsletter* de que me falou para dar conhecimento à Comunidade Educativa.

Ea- Eh, sim.

Er- Portanto, penso que está bastante disseminado e divulgado o conhecimento.

Ea- Eu acho que sim. A divulgação e...

Ea- E claro, segundo me apercebi, também há um placard.

Ea- Sim, um placard informativo, na sala de trabalho dos professores. Portanto, a divulgação, penso que será um ponto forte.

Er- E a nível da página da escola, na Internet?

Ea- Aí, temos divulgado o nosso Plano de Melhoria, a *newsletter*, temos um espaço próprio.

Er- Muito bem. Certamente que a equipa produz um relatório final que já falamos e que entrega na direção e também penso que já me disse em parte que uso é feito dele. Segundo bem percebi, ele é utilizado e valorizado de tal maneira que tem sido bastante utilizado.

Ea- Sim

Er- Na elaboração do Relatório Final ...

Ea- E é assim que eu entendo que deva ser. Não faz sentido haver a equipa de Avaliação Interna a trabalhar num sentido e a direção estar a trabalhar noutro. Portanto, a direção, na verdade, para suportar a sua decisão, socorre-se dos factos comprovados que estão no relatório da equipa.

Er- vamos totalmente ao encontro da pergunta seguinte que tinha para lhe fazer, que é a seguinte: As alterações resultantes do trabalho realizado pela equipa têm sido consideradas positivas e integradas em tomadas de posição futuras, por parte dos órgãos do agrupamento?

Ea- Sim.

Er- Acabou de me responder.

Ea- Sim, sim. Tenho a certeza disso.

Er- Outra que também temos vindo já a falar ao longo desta entrevista, mas vou fazê-la com certeza, pois poderá ter alguma coisa a acrescentar. Considera que o trabalho realizado pela equipa tem merecido o reconhecimento por parte da Comunidade Escolar?

Ea- Em parte sim. Eu penso que sim.

Er- Ao nível dos órgãos internos falamos bastante, e ao nível da Comunidade escolar?

Ea- Em parte sim. Ainda há pouco tempo, no meu departamento, tive o prazer de ver que para argumentar algo que queriam que fosse concretizado, socorreram-se do

Plano de Melhoria e da dimensão trabalhada. Portanto, foi com prazer que assisti àquela argumentação e penso que aos poucos vamos conseguindo com que a Comunidade Educativa valorize o nosso trabalho.

Er- Vamos partir para a última pergunta, pois já lhe roubei muito tempo. Gostaria de lhe perguntar se na sua opinião este processo é fundamental e contribui para a melhoria de todo o agrupamento? De que forma? Assim uma súmula.

Ea- Eu acredito que sim, se não as horas de, mesmo as minhas pessoais, que perco neste trabalho não faziam sentido e o tempo que tiro à minha família. Portanto, eu acredito que este trabalho pode melhorar, este trabalho que a equipa de avaliação interna desenvolve pode abrir novos caminhos e elevar a escola para um..., torná-la mais eficiente portanto.

Er- E. se calhar criar uma certa identidade, não é? Como disse ao longo da entrevista, vocês têm o vosso rumo, sabem muito bem para onde querem ir e, no fundo, penso que quererão que esta escola trabalhe segundo aquilo em que acredita e aquilo que é. E como se vê de um conhecimento profundo e também criar a sua própria identidade, ter uma cultura avaliativa muito própria.

Ea- É isso mesmo, uma cultura avaliativa muito própria.

Er- E disse-me que dentro da pouca liberdade que tinham com o projeto PAR, procuram encontrar o vosso caminho.

Ea- Claro!

Er- Procuram mesmo isso? Sabem para onde querem ir e o que têm de fazer? Provavelmente terão alguns constrangimentos ainda que têm que tornear ou que ainda não estão todos na mesma sintonia?

Ea- Claro!

Er- Posso depreender isso das suas palavras?

Ea- Sim, é isso precisamente. Claro que esta equipa é vista com um bocadinho de receio. Avaliação, só a palavra avaliação provoca assim...

Er- Nem ia por aí, até porque já nem iria fazer mais perguntas, mas podemos refletir um minutinho sobre isso. As pessoas ainda veem isso muito interligado com a avaliação docente?

Ea- Sim.

Er- Sim, não é? Veem isso como indo interferir na avaliação do professor? Já me falou que ainda não é altura de tocar nisso, mas tem consciência de que mais tarde terá de lá ir?

Ea- Pode acontecer, futuramente, quando atingirmos noutras vertentes ou noutros domínios o ponto alto ou o ponto ótimo, aí teremos que enveredar por aí.

Er- Enveredar por aí? Tudo vai do modo como se tocam nas coisas. Uma é para melhorar, outra é para avaliar e a vossa função não é avaliar os docentes, mas sim trabalhar com dados que advêm da avaliação dos docentes.

Ea- Com certeza!

Er- Portanto, dados estatísticos como noutra área qualquer. Penso que não irá, desde o momento que seja bem divulgado e interiorizado, não irá trazer grandes problemas!

Ea- Espero bem que não!

Er- Dra. X, resta-me agradecer-lhe imenso esta entrevista.

Ea- Obrigada.

Er. Ela irá ser muito interessante para o meu trabalho e agradecer-lhe todo o tempo que me dispensou.

Ea- Obrigada.

Er- Muito obrigada.

